

A Sofia

Estamos no quarto da Sofia, dessas modernas, que cultuam cantigas populares e sonham voluptuosamente com seus galãs de cinema.

A Sofia acabou de tomar banho e emana uma frescura doce, impregnante, que, se um colibri estivesse por perto, confundiria-la com a mais bela flor da mata campestre virgem. Ela desnudou-se e passa, começando pelas espáduas salientes, um líquido pastoso por todo o corpo.

Apeguei-me tanto às formas da Sofia, deixei-me levar tanto pelos seus contornos que, só após algum tempo absorto, deparei-me com as sutilezas e peculiaridades do quarto em que vive a Sofia.

A composição do quarto da Sofia indica perfeitamente o ser dela. Como dito anteriormente, toda Sofia moderna possui essa particularidade. O quarto dela é invadido por sensórios auditivos e visuais: nos auditivos se dá baladas populares, tendo como tema padrão o amor e a traição; já os visuais surgem com mulheres dançando músicas frenéticas em algum programa popular. A Sofia está feliz por se ver neste quarto e defronte a este espelho. Na base deste, percebo uma singularidade: elevando o espelho à altura da sua dona, estão alguns livros. No vértice inferior direito do mesmo espelho concentram-se livros psicológicos; no esquerdo, livros de filosofia escolar e didática.

O espelho, suspenso no ar, reflete a Sofia com toda a sua pompa, embora esteja trincado.

Agora, a Sofia se penteia, ainda nua. A escova desliza entre cabelos macios, às vezes colecionando em seus fachos circuláveis e obsequiosos um fio da Sofia. Cansada de tanto espanar os cabelos, ela larga a escova e se contempla no espelho. Comprime os seios com as mãos, tentando nefastamente soerguê-los. Os mamilos têm seus halos mais rosados do que nunca, denunciando uma noite lânguida e enlevada. Seus glúteos são similares àqueles das dançarinas do programa popular, e a Sofia os trata com muito carinho e dedicação. Estou a dizer isso porque, neste momento, ela passa delicadamente outro líquido pastoso, de outro pote, fabricante de outras Sofias, nos seus. Após esse ato transcendental, a Sofia dá por encerrado o seu ritual e se considera pronta para o himeneu do amor. Resta somente vestir-se.

Ela ouve, em meio ao ruído do quarto, o telefone tocar. É o motivo de todo esse preparo. “Daqui a meia hora você já pode vim.” A Sofia está como a uma criança. “Tchau...” A Sofia terá que se vestir rapidamente. Em um instante, todo o seu armário já está sobre a cama. Ela procura, entre meias, calças, vestidos, camisas e camisetas, o que mais adequar-se-á à sua noite. “Ah, meu Deus.” A Sofia perece em total indecisão. Não sabe qual é a etiqueta que melhor lhe representará, porém a bolsa ela já escolheu: “Victor

Hugo”. Mas... e aquele romance que a Sofia pegou para ler? Acho que está engavetado na sua desusada escrivaninha.

“Pronto, estou maravilhosa!!” Realmente, a Sofia sabe como imobilizar humanos. Agora é só esperar.

.....
.....
.....

Eis que a Sofia ouve um alarido metálico enternecedor para seus ouvidos. Alarido derivado do mesmo que arrefece o quarto dela. É ele. “Só um minuto, já estou indo.” Olha mais uma vez o seu reflexo lindo no espelho, porém rachado. Sente-se bem e feliz. Desce, segue o seu caminho. Perco a Sofia quando dobra a esquina.

Acho que cabe aqui um dito de minha avó com toda sua sabedoria axiomática: “Essas formiguinhas são danadinhas, entram em qualquer lugarzinho”. Pois é... queria ser uma formiguinha e entrar na mente da Sofia.

Pontos, fendas e arestas